



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Velásquez, Pedro Pablo; Ceres Pereira, Maria  
Atitudes com referência às línguas Castelhana e Guarani  
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 33, núm. 2, 2011, pp. 199-206  
Universidade Estadual de Maringá  
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426648003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Atitudes com referência às línguas Castelhana e Guaraní

Pedro Pablo Velásquez<sup>1\*</sup> e Maria Ceres Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Rua Universitária, 2069, 85819-110, Cascavel, Paraná, Brasil. <sup>2</sup>Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: pedropablito@hotmail.com

**RESUMO.** Este artigo relata parte de uma pesquisa realizada em uma escola da cidade de Presidente Franco (Alto Paraná, Paraguai), com sete docentes que são usuários de duas línguas, a saber, espanhol e guarani. Neste trabalho, buscou-se analisar as situações interacionais em que os falantes sujeitos desta pesquisa utilizam os códigos linguísticos, alternando-os em eventos de fala. Para alcançar esse objetivo, foram elaboradas questões para verificar as atitudes com relação ao uso dessas línguas. O arcabouço teórico que orientou o nosso trabalho advém das contribuições de Grosjean (1982), Erickson (1989), Pereira (1999), André (1995), entre outros. Os resultados indicam que esses docentes fazem uso de suas línguas em diferentes contextos e situações diglósicas inerentes àquela comunidade. Percebe-se ainda que, embora a língua guarani faça parte de seu repertório linguístico, as situações de seu uso dependerão do contexto e da visão hegemônica do sujeito com referência a sua língua.

**Palavras-chave:** bilinguismo, atitudes linguísticas, castelhano/guarani.

**ABSTRACT. Attitudes on the Spanish and Guaraní languages.** This paper reports part of a research performed in a school in the city of Presidente Franco (Alto Paraná, Paraguay), with seven teachers who use two languages daily – Spanish and Guaraní. The goal of the work was to analyze interactions in which the speakers – focus of the study – use and alternate different linguistic codes during speaking events. In order to develop the analyses, questions were elaborated to check the speakers' attitudes regarding the use of those languages. This study was based on the contributions of Grosjean (1982), Erickson (1989), Pereira (1999), André (1995), among others. Results have shown that these teachers use their languages in different contexts and diglossic situations, which are inherent to their community. Also although the Guaraní language is part of their linguistic common use, situations on its use usually depend on the context and the subject's hegemonic view concerning the own language.

**Keywords:** bilingualism, linguistic attitudes, Spanish/Guarani.

## Introdução

A língua cumpre papel fundamental na configuração das identidades. Estudos recentes sobre identidades questionam, entre outros temas, de que maneira as representações e atitudes dos falantes frente a diversas formas de fala criam, acompanham e reconfiguram permanentemente a dinâmica social entre grupos que se autoconsideram similares ou diferentes entre si. Para alguns desses grupos, manter o uso da língua vernácula é o melhor índice de ser usuário de uma cultura diferente da hegemônica. A língua étnica é tida como elemento essencial e referencial dos povos minoritários que lutam pela visibilidade de suas línguas. A particularidade dos povos só pode ser decifrada a partir de estudos que possibilitam uma retomada de valores éticos e étnicos, que, com o passar do tempo, tem sido relegados a um segundo plano,

principalmente no que se refere à língua vernácula.

Os estudos sobre o bilinguismo preocupam-se em explicitar que cada língua está associada a uma particular etnia, uma religião particular ou uma nacionalidade que dará ao indivíduo a possibilidade de inserir-se ou de excluir-se em uma dada comunidade, de acordo com as situações peculiares de cada cultura. O falar bilíngue está atrelado a fatores essenciais de um indivíduo, que estão relacionados, por sua vez, à maneira de ser, de pensar, de agir e de ver o mundo, de um modo particular e único, em cada grupo social.

Referenciando o grupo que analisamos nesta pesquisa, podemos dizer que, quando um bilíngue castelhano/guarani aciona a língua guarani para se comunicar com outro bilíngue, ele o faz, muitas vezes, de maneira involuntária, ou seja, acionar a língua guarani o identifica como sendo pertencente ao mesmo grupo que o interlocutor. Por outro lado,

acionar a língua castelhana configura-se como necessária para inserir-se não como grupo étnico necessariamente, mas como indivíduo com determinado “*status*” na sociedade, ou seja, a língua espanhola estabelece hierarquia entre os sujeitos daquele grupo.

Os sujeitos pesquisados acionam as línguas de acordo com o contexto em que se encontram. No ambiente escolar, a língua dominante é a castelhana; contudo, há situações em que as línguas se mesclam e se alternam de acordo com o assunto e as situações específicas de interação comunicativa. O guarani, como primeira língua, cede o lugar para língua castelhana em determinados momentos de comunicação, e isto vai depender de fatores como interlocutor, tema, tópico e interações específicas de comunicação.

O perfil histórico, o contexto e as respostas às questões permitiram ter uma visão clara de como o sujeito configura as suas falas e de qual é a visão hegemônica dos códigos utilizados por eles nas diferentes situações de comunicação linguística. O povo paraguaio convive com as duas línguas (guarani e castelhana) desde a época da colonização, mas isso não ocorre de maneira harmoniosa. Pelo contrário, sempre houve uma relação conflituosa entre as duas línguas, situação estabelecida no nível macro, mas que se reflete no nível micro. Assim, os sujeitos que responderam às questões convivem com os dois códigos linguísticos de maneira conflituosa e, muitas vezes, o fato de utilizar uma ou outra língua poderá excluí-los do grupo.

Para Corvalán (1985), as situações linguísticas no Paraguai deveriam trazer metas sociolinguísticas específicas a cada contexto educacional. Segundo esta autora, alguns pais pensavam que utilizar a língua guarani traria desconfortos e situações preconceituosas para as crianças que insistissem em utilizar a sua língua vernácula. Atualmente, essa visão hegemônica de que a língua guarani afeta negativamente a língua castelhana começa a ser discutida em cenários políticos educacionais. A promulgação de lei de línguas no Paraguai teve avanços significativos naquele país.

### Um contexto sociolinguístico complexo

O Paraguai está dividido em departamentos que somam 17: Concepción, San Pedro, Cordillera, Guairá, Caaguazú, Caazapá, Itapua, Misiones, Paraguarí, Alto Paraná, Central, Ñeembucú, Amambay, Canindeyú, Presidente Hayes, Alto Paraguay e Boquerón. A cidade de Presidente Franco, “locus” desta pesquisa, localiza-se no departamento de Alto Paraná. O município se

constitui principalmente de agricultores que vivem da plantação de mandioca e da criação de animais, cujas produções são em pequena escala. A maioria desses agricultores de Presidente Franco se dedica, assim, ao plantio em pequena escala; outros são aposentados e se dedicam a vender produtos extraídos de sua pequena chácara. A maior parte do comércio desta cidade é de pequeno porte, e a proximidade a Ciudad del Este permite a circulação intensa de indivíduos residentes nestas duas cidades, a saber, Presidente Franco e Ciudad Del Este.

Com relação à língua, no campo, predomina o guarani e, com menos frequência, usa-se o castelhana; na cidade, utiliza-se mais o castelhana que o guarani. Há, ainda, nessa cidade, um grupo étnico de Ava Guarani, composto por oito famílias, que somam 60 pessoas, residentes a 20 km da cidade. Nessa reserva, utiliza-se mais o guarani, e muito pouco o castelhana, este último somente em contato com moradores da cidade.

Além disso, há alguns moradores que são brasiguaios, ou seja, filhos de brasileiros nascidos no Paraguai, cuja língua vernácula é o português. Esses brasiguaios estudam nas escolas de Presidente Franco e, portanto, o multilinguismo é visível nesses estabelecimentos, pois ali estudam argentinos, paraguaios que falam o “jopara” (uma hibridização do castelhana com o guarani), paraguaios que falam mais o castelhana que o “jopara”, e brasileiros que falam as três línguas (português, castelhana e “jopara”). Por todos esses aspectos apresentados até aqui, pode-se dizer que a cidade de Presidente Franco apresenta grande diversidade linguística e cultural, que traz, inevitavelmente, implicações para o ensino.

A partir de 1983, o MEC/Paraguai implantou o ensino bilíngue em todas as escolas rurais que tivessem alunos bilíngues ou monolíngues em guarani. Este programa de educação bilíngue autorizava a inserção do castelhana nos “primeros y terceros grados” (nas primeiras e terceiras séries da educação infantil) e a diminuição da língua nativa (guarani) como instrumento de ajuda, estabelecendo que, a partir da quarta série, o ensino/aprendizagem acontecesse somente na língua castelhana. Ou seja, a intenção desse programa era a de dar um “permiso oficial” aos docentes para que estes pudessem utilizar a língua guarani/“jopara”<sup>1</sup> em sala de aula, situação proibida anteriormente (CORVALÁN, 1985, p. 26-27). Este processo deu início à implantação da educação bilíngue no Paraguai, que se estende até hoje.

<sup>1</sup>Utilizamos a denominação guarani/“jopara” por perceber que os sujeitos desta pesquisa não diferenciavam a língua guarani do “jopara”.

A regulamentação do ensino da Língua Guarani somente ocorreu em 1992<sup>2</sup>. O MEC reformulou o ensino de línguas nas escolas com o objetivo de resgatar e divulgar a língua de seu povo. Legalizou o ensino bilíngue e estabeleceu a obrigatoriedade do uso do “jopara” em sala de aula. E, por fim, o governo oferece, ainda, para quem conclui o Ensino Médio, a possibilidade de estudar a Língua Guarani na sua região, e adquirir Licenciatura Plena com habilitação em Língua Guarani.

### A questão da língua

O povo paraguaio convive com a diversidade linguística desde a colonização europeia. As situações que envolvem o uso alternado de dois códigos linguísticos requerem estudos específicos e contextuais, pois os indivíduos se reconhecem como pertencentes a uma determinada comunidade a partir da língua, e os fatores que determinam a escolha ou não de uma língua vai depender do contexto situacional em que se desenvolve a comunicação e do domínio dessa mesma língua pelo indivíduo.

Pereira (1999) observa que a situação de pluralidade linguística não é recente. Aos povos antigos que eram subjugados pelos seus vencedores, os vitoriosos impunham sua língua e cultura, restando para os vencidos conservarem a sua língua apenas nos espaços familiares. Desse modo, a língua utilizada em ambientes estritamente restritos revestia-se de menor prestígio perante a língua do dominador, e a língua “standard” passava a ser utilizada no trabalho e nos demais setores de interação. Este fenômeno também ocorreu no Paraguai, onde o castelhano, a língua do dominador, passou a fazer parte do cotidiano do indivíduo paraguaio. Contudo, a maioria dos sujeitos entrevistados utiliza as duas línguas em diferentes contextos de comunicação e, ainda, mesclam e alternam essas línguas segundo o tópico e a intenção do interlocutor.

Os estudos de variação linguística de Labov (1983) indicam que a variação e/ou a hibridização ocorria não somente por fatores propriamente

linguísticos, mas também, e principalmente, por fatores extralinguísticos, isto é, idade, classe social, sexo, geografia, escolaridade, etnia e religião dos falantes, fatores estes que influenciavam sobremaneira as escolhas linguísticas (nos campos fonético-fonológico, morfossintático, lexical, semântico e pragmático). Corroborando essas afirmações, podemos dizer que os docentes desta pesquisa dinamizam as suas línguas, influenciados por fenômenos linguísticos e extralinguísticos, pois a maioria deles adquiriu o guarani/“jopara” em casa e teve contato com o castelhano só em idade escolar.

Skutnabb-Kangas (1981) afirma que um indivíduo bilíngue é aquele que tem competência (habilidades linguísticas) para se comunicar com um ou mais indivíduos, respeitando os papéis de cada língua em seus usos de acordo com as exigências estabelecidas de cada grupo. Ou seja:

Um falante bilíngue é capaz de se comunicar em duas (ou mais) línguas em ambas as comunidades monolíngue ou bilíngue, de acordo com as exigências da competência comunicativa e cognitiva feitas por estas comunidades ou pelo próprio indivíduo (de ser falante), ao mesmo nível de falantes nativos, e que é capaz de se identificar positivamente com ambos (os grupos) de língua (e culturas) ou parte delas (SKUTNABB-KANGAS, 1981, p. 90).

Isto é, o indivíduo bilíngue ora utiliza uma estrutura linguística, ora outra, mas cada uma com fins específicos de interação verbal. O sujeito que tem essas possibilidades de interação movimenta-se entre elas com propriedade e determinação. Para Maher (1996, p. 57),

O universo no qual o sujeito bilíngue transita não é estável, fixo e nem, tampouco, equilibrado. Quer dizer, há nele movimento, o que significa dizer que as competências de sujeitos bilíngues variam de acordo com gênero/tipo de discurso, ficando ora mais, ora menos distantes da competência comumente exibida por sujeitos monolíngues.

Nessa perspectiva, a dinamização das línguas é contínua. Os sujeitos que adquiriram um determinado código linguístico na sua infância e, consequentemente, adquire outro código, tendem a utilizá-lo indistintamente de acordo com fatores específicos em cada contexto situacional. Essa noção de transitoriedade foi observada nos sujeitos desta pesquisa. A mobilidade citada por esta autora pressupõe que: a identidade é móvel, a relação entre línguas em contato/conflito é móvel, bem como também é móvel a competência comunicativa do sujeito bilíngue. Isto é, as identidades móveis são determinantes em situação de línguas em contato.

<sup>2</sup>Só em 1992, por resolução da Convenção Nacional Constituinte, o Guarani passou a ser idioma oficial do Paraguai, junto com o castelhano. Especificamente, no artigo 140 da Lei das Línguas, título *Das línguas (guarani/castelhano)*, a *Constitución Nacional* de 1992 estabelece que: o Paraguai é um país pluricultural e bilíngue; são idiomas oficiais o castelhano e o guarani; a lei estabelecerá as modalidades de utilização de uma e outra língua, respectivamente; as línguas indígenas, assim como as de outras minorias, farão parte do patrimônio cultural da Nação. Assim, também, o artigo 77, no título *Do ensino da língua materna*, estabelece que o ensino no início do processo escolar se realizará na língua oficial materna do educando; instruir-se-ão, também, o conhecimento e a utilização das duas línguas oficiais da República; em caso de minorias étnicas cuja língua materna não seja o guarani, poder-se-á escolher uma das duas línguas oficiais. No dia 10 de setembro de 1992, o Parlamento sancionou a Lei 28/92, que garante o ensino do espanhol e do guarani no sistema educacional do Paraguai.

Nesse sentido, Mendes afirma que “em cada encontro social o indivíduo atua seguindo uma linha (“line”), ou seja, um padrão de atos verbais e não-verbais através dos quais, expressa a sua visão da situação e a sua avaliação dos participantes, e, sobretudo dele próprio” (MENDES, 2002, p. 506). Em outras palavras, podemos dizer que os indivíduos utilizam elementos identitários de sua comunidade: o falar, o modo de agir frente a situações diversas, a maneira de comportar-se perante as situações de perigo ou não, enfim, os sujeitos podem ser identificados facilmente, pois eles são um construto da sociedade em que está inserido. E ainda: para o indivíduo, é necessário relacionar-se. Por isso, quando ele se encontra frente a situações que lhe permitirão um ingresso a uma comunidade, procura adaptar-se a ela, obedecendo às regras que fazem parte da sociedade em que se insere, e isto, necessariamente, está atrelado à língua que ele utiliza.

### A comunidade observada

Os docentes entrevistados perfazem o total de sete, sendo cinco mulheres e dois homens. As disciplinas que esses docentes lecionam são diversas. Entre as mulheres, há uma professora de História e Geografia, outra de Ciências Sociais, outra de Língua Guarani, outra de Castelhana e Guarani, e, por último, uma docente de Educação Infantil (pedagoga). Entre os homens, temos um professor de Ciência e Tecnologia, e outro, de Língua Guarani. Todos esses docentes responderam às mesmas questões; contudo, foi diferente o enfoque e a maneira de entrevistá-los. Também o local das entrevistas variou: alguns responderam a elas na sala dos professores e outros, na quadra do colégio, enquanto os alunos praticavam esportes.

A minha inserção, como pesquisador naquela comunidade, foi possível por vários fatores, dos quais destaco dois por julgá-los relevantes para esta pesquisa. Assim, a “quebra de gelo” ocorreu provavelmente por eles me aceitarem como um integrante da comunidade hispano-falante, dado que os traços físicos, como fisionomia, cor da pele e aspecto dos cabelos são semelhantes aos deles, e também pela variedade de castelhano (principalmente na pronúncia) utilizado por mim nas interações comunicativas, pois se assemelha bastante ao castelhano utilizado por eles em sua comunidade<sup>3</sup>.

<sup>3</sup>Destaco este fenômeno por entender que o castelhano utilizado pelos paraguaios diferencia-se dos demais falantes de castelhano que fazem fronteira com este país, isto é, a curva melódica, o ritmo e a sonorização das vogais têm influência do sotaque da língua guarani utilizada por eles durante a interação comunicativa, e isto diferencia esses falantes daqueles do Sul da Argentina, por exemplo.

Realizar uma pesquisa etnográfica requer orientação teórico-metodológica para que se possa alcançar os objetivos traçados. Assim, foi tomada como premissa a orientação etnográfica que atenta para o aspecto da familiaridade com os sujeitos e a cultura deles. Nessa perspectiva, “o objetivo primordial da investigação centra-se no significado humano da vida social e na sua clarificação e exposição por parte do investigador” (ERICKSON, 1989, p. 196). Dessa forma, a pesquisa etnográfica é aquela que nos aproxima mais do uso real da língua em situações de contato.

Segundo Pereira (1999, p. 77):

O etnógrafo passa por um processo de indagação, de formulação e reformulação de perguntas. O etnógrafo não vai para o campo de pesquisa destituído de suas pré-concepções e estereótipos; ele leva consigo o que faz dele uma pessoa peculiar. O pesquisador etnógrafo busca uma construção conjunta com os ‘atores’ envolvidos na pesquisa.

Nesse sentido, no momento em que se insere na comunidade, segundo essa autora, o pesquisador deverá atentar para o princípio do “estranhamento”, citado por André (1995), que nos adverte de que o pesquisador deverá “tornar estranho o familiar e o familiar estranho”. Diante disso, o pesquisador não poderá fazer juízo de valores a partir de sua própria cultura, mas deverá observar o que, de fato, está acontecendo naquele local.

### As observações

As questões elaboradas abrangeram várias situações de interação comunicativa, porém, destacamos algumas delas.

Com relação à questão *Com teus pais, que língua você utilizava?*, os resultados foram os seguintes:

Docente 1: “Eu aprendi ‘os dois idiomas, o jopará e castelhano’<sup>4</sup> e mais utilizava com os meus pais e avós o guarani, já com meus irmãos falava os dois de acordo com a situação em que se dava a conversa”.

Docente 2: “Ehh, com meus pais falava os dois... mas... ‘mais o guarani...’ com a minha mãe também... ‘como eles moram no interior...’ ela fala mais assim... os meus irmãos falam bastante em castelhano... ‘com eles eu falo mais castelhano...’ às vezes a gente mistura um pouco mas... mais castelhano... ‘só que na casa do meu pai... a gente quase fala mais em guarani... por causa dos meus pais...’ eles às vezes pergunta em guarani e aí a gente fala... eh... responde em guarani também...”.

<sup>4</sup>Sublinho alguns trechos para destacar o ponto central da discussão, isto é, é nestes trechos que percebemos as atitudes com relação ao uso do castelhano e/ou do “jopara”.

Esses professores, provavelmente, tornaram-se bilíngues ainda na infância, “aprendendo” a usar as duas línguas de seu repertório, “jopara” e castelhano, para fins específicos. Certamente, perceberam desde cedo a funcionalidade e o espaço de cada uma dessas línguas. Cabe destacar, que, esses docentes são filhos de agricultores passaram a sua infância no campo, de modo que a língua utilizada pelos pais é o “jopara” e, consequentemente, os primeiros contatos delas com a língua foi o “jopara”.

Segundo Meliá (1992), o fator influenciador de usos das línguas é o contexto onde elas se desenvolvem. De acordo com o autor,

Hay una variante que influye decididamente en el *jopara*, y es el asunto de qué se habla. Mientras un grupo social se mueve culturalmente en un área semántica ‘rural’, con repertorios y modos de decir poco hispanizados, hay otros grupos que dentro de un movimiento de urbanización y ‘modernización’ creciente manejan, en grados diferentes, repertorios más hispanizados exigidos por los temas nuevos o modernos de que está hablando (MELIÁ, 1992, p. 185).

Segundo esse autor, o tópico e contexto de interação são fatores relevantes para determinar o uso da língua “jopara”. Se a comunicação se desenvolve em ambientes rurais, a língua predominante será o “jopara”, já que, para o autor, a sociedade rural é fiel depositária dessa língua.

Outro ponto a destacar é o modo como as professoras entrevistadas utilizavam as suas línguas, isto é, o uso de uma ou outra língua vai depender do interlocutor e do contexto onde se desenvolve esta interação. Podemos ver isso no fragmento a seguir:

Docente 1: “... ‘já com meus irmãos falava os dois,’ de acordo com a situação em que se dava a conversa... os meus irmãos falam bastante em castelhano... ‘com eles eu falo mais castelhano’”.

Para Grosjean (1982), a alternância de língua num mesmo enunciado é uma das características mais interessantes do bilinguismo, pelo fato de destacar o contato de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo. Esse autor ainda aponta que essas mudanças linguísticas podem ocorrer por vários fatores, sendo o fator determinante o perfil do participante da interação. Entre esses fatores, o autor destaca: etnia, idade e sexo do falante, o contexto (escola, casa, igreja etc.), o tópico (profissional, acadêmico, afetivo etc.) e a função da interação. Quanto às relações do indivíduo paraguaio com sua língua, a função enfática (intencional) da língua nos momentos de utilização das línguas determina o uso dela, pois o bilíngue utiliza esta estratégia para que a comunicação surta o efeito esperado.

Para a questão Quando brigas com teus irmãos ou ficas bravo(a), que língua utiliza?, as respostas foram as seguintes:

Docente 1: “Quando mais brava fico, dou bronca (xingo) ‘em guarani’, mais falo também em ‘castelhano’, parece que se aproxima mais forte ...(é mais enfático) que o guarani... me satisfaz mais... mas a primeira palavra que ‘saí sempre é em guarani...’ aí eu falo... *ejú cheve ko’ape* (venha pra cá)... daí... eu continuo falando... mas... às vezes misturo tudo... *eh* (alongamento da vogal)... com meus parentes... eu falo o jopara... mais... porque lá todo mundo fala os dois... (silêncio)”.

Docente 2: “‘Às vezes eu falo em guarani... eu mais brigo em guarani...’”

Docente 3: “... ‘o guarani é bem provocante’ (forte) (risos descontraídos)”.

Docente 4: “Não sei... algumas ‘vezes brigo com ele em guarani (risos)’ não (risos)... *palavrinhas* somente, digo algumas ‘*palavrinhas em guarani*’ e depois continuo falando em castelhano”.

Docente 5: “Somente ‘em guarani...’ porque a comunicação ‘em guarani é mais fácil...’ *ehhh* geralmente é com meu filho... *ejapōporā nde rembiapō*... (faça bem seu trabalho).

Há alguns pontos nesses fragmentos que merecem ser considerados. Um deles é que as pessoas que têm dois códigos linguísticos à sua disposição podem alterná-los de acordo com a ênfase que deseja dar naquele momento, e, neste caso, percebe-se que o sentimento é um fator importante para essa mudança, como podemos perceber nos seguintes trechos: “dou bronca (xingo) em guarani”, “me satisfaz”, “eu mais brigo em guarani”, “brigo com ele em guarani”, “o guarani é bem provocante”, “somente em guarani” “*ejapōporā nde rembiapo*”.

Cabe destacar que o docente 5 faz questão de ensinar a seu filho o guarani, e afirma que o idioma utilizado por ele em casa é o guarani/“jopara”, justificando: “*estamos mais costumados*”. E ainda, observando suas respostas ao questionário, vemos que este informante utiliza esta língua por residir na área rural dessa cidade, confirmando o que tínhamos apontado anteriormente, o fator contextual é o que determina a língua que o indivíduo vai utilizar, corroborando com Meliá (1992), que à medida que o sujeito se distancia do setor urbano a língua predominante também muda, neste caso o “jopara”. Os estudos do bilinguismo dão conta de que as manifestações de sentimentos estão ligadas à primeira língua, internalizada pelo indivíduo nos primeiros anos de vida, que, neste caso, é o guarani adquirido com os pais e avós.

Para a pergunta *Que língua você utiliza com os vizinhos?*, as respostas são as mais diversas. Observemos:

Docente 1: ... “com os vizinhos... ‘nos comunicamos onde eu estou morando em castelhano... com meus pais sempre guarani...’ ‘guarani...eu tinha seis anos quando a gente venho viver na cidade...ele era agricultor...meus avós só falavam em guarani...então...até agora eu falo em guarani...são idosos já né...então’ ‘fica feio a gente falar em castelhano’... “não é que fica feio...é diferente...parece falta de respeito sei lá...eu acho né”.. ‘parece falta de respeito sei lá...’

Docente 2: ... ‘com meus vizinhos falamos sempre os dois... o jopar misturado... aí vai depender do assunto...’

Docente 3: ... ‘com meus vizinhos às vezes, mais utilizo os dois, mais em castelhano’.

Docente 5: “Sempre falo em guarani... às vezes em castelhano...”

Docente 7: “... ‘com os vizinhos eu utilizo o castelhano... às vezes os dois... jopara’.

A partir dessas respostas, podemos tecer algumas considerações. Primeiramente, destacamos que, pela resposta dos professores, a escolha da língua que utiliza vai depender do contexto. Contudo, com os docentes 1, 2, 3 e 7, é provável que as alternâncias de códigos ocorram dependendo do contexto situacional. Já o mesmo não ocorre com o docente 5, pois, como mencionado anteriormente, o contexto em que este professor vive é rural.

Quando perguntamos aos professores se transmitem a língua vernácula a seus filhos, podemos observar um fenômeno bastante peculiar das comunidades bilíngues onde existe uma língua padrão e outra minoritária.

Docente 1: “Desde pequeno ‘eu ensino castelhano’... às vezes falo ‘jopara’... ‘eles não falam’ ‘guarani... eles entendem tudo... porque estudam na escola... tô ensinando...”.

Docente 2: ... “se ele não fala... ‘falar eu não falo... porque... (risos) a gente ‘não costumou falar...’ só que quando fico brava ‘às vezes sai em guarani... em castelhano a gente fala... pouco falamos em guarani...’ porque... eles também são profissionais... todos os que estão aí são universitários, por isso a gente fala em espanhol”.

Docente 4: “‘nos dois, nos dois idiomas,’ algumas vezes, ‘em jopara’ seria... Porque lhes digo, falo...”.

Docente 5: “...‘falo os dois’em casa... (silêncio)...”.

Docente 7: “... bom... eu utilizo ‘às vezes castelhano e jopará também...’ mas ele é muito pequeno ainda... tem apenas dois aninhos... não sabe ainda falar direito... ‘fala

nos dois idiomas... mas não sei... acho que primeiro deve aprender castelhano... acho que é mais fácil... depois ele vai aprender... o jopará... com os amigos... (silêncio) sei lá... agora o guarani puro sim”.

Observando as respostas dos docentes 1 e 7, percebem-se nelas algumas imagens quanto à utilização de uma língua ou outra. Vejamos: a docente 1 destaca que o fato de utilizar outra língua que não seja guarani com seus pais implicaria desrespeito a seu interlocutor: “fica feio a gente falar em castelhano”. O atributo “feio” utilizado por ela provavelmente indicaria uma deslealdade com a sua língua e que, por isso, o correto seria utilizar o guarani.

Os aportes de Rubin (1968) com respeito às atitudes em relação ao bilinguismo paraguaio têm se mostrado relevantes, até o presente momento, nos estudos desta área. Para este autor, a questão da lealdade está ligada à língua guarani e não à língua castelhana, isto é, o indivíduo que, na sua infância, adquiriu o guarani como primeira língua, está ligado a ela sentimentalmente e, por consequência, suas manifestações sentimentais serão naquela língua.

Quando questiono sobre o uso do “jopara” em casa, vemos que a língua transmitida aos filhos não é o “jopara”, como aprendido pela docente 1, na infância, mas o castelhano, embora às vezes fale em “jopara”, mas apenas em momentos específicos de interação. Mais uma vez, demonstra-se que a língua materna é utilizada em momentos de manifestação de sentimentos. Por outro lado, o filho só tem contato com o “jopara” fora do ambiente familiar.

E, por fim, quando se questiona: *Acha que a língua guarani tem prestígio?*, as respostas são as mais diversas. Observemos:

Docente 1: “Na mente das pessoas, realmente, pensa que falar guarani é algo baixo, inferior... ‘guarango’ nde índio... (denota pessoa inferior, sem instruções)”.

Docente 2: “Uma pessoa de pouco valor... é muito baixo (fala de ignorantes), pessoas muito ignorantes que não sabe nem falar...”.

Docente 3: “De repente tem pessoas que dizem que quem fala guarani, não, esse é tal... é muito baixo... (ignorante, vulgar, sem instruções)”.

Nessas falas, fica explicitado o valor atribuído por alguns ao uso do guarani. Percebe-se uma imagem negativa quanto à sua língua vernácula, conforme atestam os adjetivos “muito baixo”, “inferior”, “guarango”, uma língua usada por “pessoas ignorantes”. Essas imagens negativas é que levam alguns pais a não se sentirem motivados a ensinar o guarani a seus filhos. Tais comportamentos podem gerar conflitos de identidade, não somente com

relação à língua, mas também com relação a fatores externos a ela, como a necessidade de pertencer a um grupo majoritário.

Cabe destacar, ainda, que na resposta da docente 1, aparece a expressão “*nde índio*”, que mostra que as pessoas ainda têm a visão hegemônica de que ser índio traz consigo efeitos negativos para a comunidade. Para o povo em geral, o índio não é sociável, não tem cultura, e nem pode ser inserido na sociedade “cultura” daquele país.

Os resultados de Gynan (2003), quanto ao prestígio do guarani, dão conta de que a maioria dos casais utiliza com seus filhos unicamente o castelhano, e entre si (com seu respectivo cônjuge), usam o “jopara”. Cabe destacar, porém, que é necessário fazer uma pesquisa mais detalhada quanto ao fenômeno de prestígio e desprestígio entre as duas línguas. Para os sujeitos desta pesquisa, adquirir a língua castelhana permitiria aos filhos inserirem-se na sociedade, podendo ser “bem vistos” pelos “outros”.

Segundo Pereira e Jung (1998, p. 80), “o desencorajamento para a conservação e identificação com a língua minoritária se manifesta de diferentes formas. Às vezes de forma explícita sob forma de proibição do uso da língua vernácula, às vezes disfarçado nos risos e chacotas dos colegas”. Corroborando a autora, podemos dizer que, entre os docentes aqui entrevistados, existe a visão de “status” entre as línguas: o castelhano como língua de ascensão econômica e social, e o “jopara”/guarani como segunda língua. Essas configurações fazem parte do construto identitário dos indivíduos.

### Considerações finais

Embora o Paraguai tenha implantado o ensino bilíngue nas escolas ainda em 1992, para os docentes desta investigação, a utilização das línguas ainda se restringe a lugares específicos, o que sugere outra pesquisa no sentido de averiguar se o ensino é de fato bilíngue e, se o for, como se materializa em materiais didáticos, por exemplo.

Os docentes de Língua Guarani entrevistados afirmam utilizarem as três línguas em sala de aula com os alunos, e ainda responderam que, embora eles tivessem o domínio das duas línguas, “jopara” e castelhano, a língua utilizada na comunicação com os filhos é o castelhano. É importante ressaltar que a maioria desses docentes adquiriu a língua castelhana já em idade escolar, ou seja, o primeiro contato linguístico ocorreu na língua vernacular (guarani/“jopara”), à exceção dos docentes homens. O uso da(s) língua(s) dos docentes investigados está ligado à visão que cada um deles tem de sua própria

língua, ou seja, para aqueles que desejam utilizar a língua vernacular em ambientes formais de interação, os conflitos se acentuam na medida em que seus códigos linguísticos destoam naquele contexto.

Para Skutnabb-Kangas (1981), as competências linguísticas de um indivíduo bilíngue perpassam necessariamente pelo contexto e pelos papéis que cumprem as línguas, de acordo com as exigências de cada grupo. Corroborando esta afirmação, podemos dizer que o “jopara”/guarani é utilizado em ambientes específicos de interação, e que fazer uso deste código linguístico em ambientes de maior uso de castelhano provoca reações de estigma e preconceito das mais diversas.

Estes docentes com os colegas utilizam também o Castelhano, provavelmente, porque seja a língua mais usada para ambientes mais formais de interação. Isto é, a educação bilíngue ainda se limita ao ambiente escolar, mais precisamente em sala de aula. Esse fenômeno ocorre em quase todos os casos aqui investigados.

Isso nos sugere que deve haver mudança de atitudes quanto à utilização das línguas. O fato de os sujeitos investigados não utilizarem o “jopara” em casa e utilizarem somente o castelhano com seus filhos nos aponta para uma concepção estigmatizada da língua materna dos próprios docentes, ou seja, esses educadores, em sua maioria, utilizam a língua materna (“jopara”/guarani) com seus pais, porém, com os filhos, não a utilizam. Cabe destacar que, embora as línguas adquiridas por eles sejam o guarani/“jopara”, a língua predominante em casa e em alguns locais é o castelhano.

A esse respeito, Grosjean (1982) defende que as atitudes e os sentimentos dos sujeitos em relação ao bilinguismo e à mudança de código podem, sem dúvida, interferir no comportamento linguístico dos bilíngues, levando-os a pôr em ação seus diferentes modos de fala. Esses fenômenos são fatores importantes na escolha de uma ou outra língua pelo indivíduo no contexto onde está inserido.

As atitudes dos docentes são fator fundamental na utilização das línguas. Por vezes eles manifestam o desejo de utilizar em todos os ambientes a Língua Guarani e, ainda, sentem orgulho de sua língua vernacular, porém, em algumas situações esta Língua não é bem vista por eles mesmos. Isto nos mostra a fragilidade que há quanto à utilização ou não de uma determinada língua, os conflitos não estão propriamente na utilização de uma ou outra língua, (Castelhano ou Guarani) senão externos a ela.

Retomando o que foi dito e analisado até aqui, podemos dizer que o indivíduo daquela comunidade



pesquisada, embora tenham o domínio das estruturas linguísticas uma funcional, (“jopara”), outra escolar (Castelhano) não menos funcional e outra acadêmica (Guarani), a situação de uso dessas línguas, restringe-se a lugares específicos de interação, sendo a primeira estruturada sócio pragamaticamente, é provável que se reservem quanto ao uso desta Língua (o “jopara”) em lugares públicos, porque, o uso da mesma em tais lugares, poderia gerar estigmas maiores dependendo dos interlocutores.

A segunda língua (o Castelhano) é tida como de reconhecimento cultural e para tanto deve ser adquirida para que os sujeitos tenham a possibilidade de inserir-se na comunidade e possam ser reconhecidos como indivíduos letrados, e a terceira (o guarani), menos utilizada por restringir-se a ambientes acadêmicos, goza de prestígio entre docentes de línguas, contudo é bastante restrito, e é essa a língua que se ensina em sala de aula com 2h semanais, o que reforça a necessidade de estudos sobre o que se entende por educação bilíngüe, na escola paraguaia.

E por fim, a educação bilíngüe naquele contexto é um caminho longo a percorrer, posto que, a conscientização do uso das línguas utilizadas por um povo está ancorada em como os sujeitos veem a sua língua e qual é o sentimento que os une a ela. O Guarani e o “jopara” são utilizados em ambientes restritos e por vezes estigmatizados; acreditamos que o reconhecimento pleno quanto à utilização das línguas pelos indivíduos, ainda terá muitos tropeços, contudo é o primeiro passo para uma conscientização de educação bilíngüe naquele país que conviveu com suas línguas, apesar da imposição dos conquistadores.

## Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia no espaço escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- CORVALÁN, G. **Estado del arte del bilingüismo en América Latina**. Asunción: Centro Paraguayo Estudios Sociológicos, 1985.
- ERICKSON, F. Métodos cualitativos de investigación de la enseñanza. In: WITTROCK, M. (Org.). **La investigación de la enseñanza – II. Métodos cualitativos y de observación**. Madrid: Ediciones Padiós Ibérica, 1989. (Trabalho original em inglês, publicado em 1989).
- GROSJEAN, F. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- GYNAN, N. S. **El bilinguismo paraguay: aspectos sociolingüísticos**. 2. ed. Fernando de la Mora: Etigraf, 2003.
- LABOV, W. **Modelos sociolingüísticos**. Tradução José Miguel Marina Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.
- MAHER, T. J. M. **Ser professor sendo índio: questões de língua(gem) e identidade**. 1996. (Tese de Doutorado em Linguística)-Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- MELIÁ, B. **La lengua guarani del Paraguay: historia, sociedad y literatura**. Madrid: Mafre, 1992.
- MENDES, O. M. J. O desafio das identidades In: SANTOS, S. B. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002
- PEREIRA, M. C. **Naquela comunidade rural, os adultos falam “alemão” e “brasileiro”**. Na escola as crianças aprendem português: um estudo continuum oral/escrito em crianças de uma escola bisseriada. Campinas. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- PEREIRA, M. C.; JUNG, N. M. Quando o familiar se torna estranho e o estranho se torna familiar: duas experiências surpreendentes no campo da pesquisa. **Ciências e Letras**. Ed. especial, n. 23/24, p. 305-317, 1998.
- RUBIN, J. Bilingual usage in Paraguay. In: FISHMAN, J. (Ed.). **Readings in the sociology of language**. The Hague. Paris: Mouton, 1968. p. 512-530.
- SKUTNABB-KANGAS, T. **Bilingualism or not: the education of minorities**. Clevedon: Multilingual Matters, 1981.

*Received on February 1, 2011.*

*Accepted on July 27, 2011.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.